

# Guaranis sobrevivem com trabalho agrícola

MARIA INÊS CAMARGO

Os 320 índios guaranis da aldeia Morro da Saudade, em Parelheiros, não têm carteira assinada e nem são filiados a sindicatos. Mas, como qualquer trabalhador, acordam cedo e saem em busca de atividades para garantir a sobrevivência. Os homens plantam milho, feijão e mandioca e, periodicamente, descem a Serra do Mar para cortar palmito em Mongaguá. As mulheres tratam de ensinar aos filhos os segredos do artesanato, trançando com habilidade cipó e bambu, para vender as peças no centro de Santo Amaro.

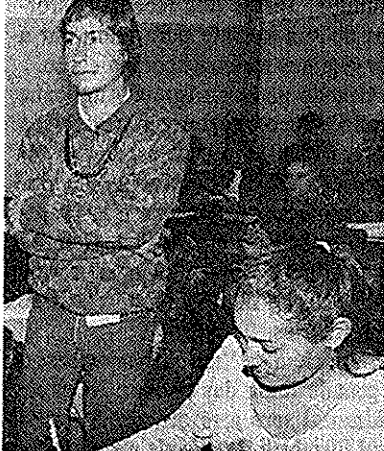
Mas é o trabalho na agricultura que garante a sobrevivência da tribo, que ocupa uma área em plena zona de proteção aos mananciais, a 50 quilômetros da Praça da Sé. Embora estejam próximos à maior metrópole do País, o plantio feito pelos guaranis é praticamente o mesmo da época das caravelas dos conquistadores portugueses.

A análise de solo, a mecanização e as técnicas que conferem alta produtividade às lavouras são coisas que nem passam pela cabeça dos guaranis. Na verdade, eles confiam na abundância proporcionada pela Mãe Terra, a quem prestam homenagens e pedem auxílio.

Embora os guaranis não saibam como usá-las, as técnicas agrícolas, como as desenvolvidas no Instituto Agrônomo de Campinas (IAC), da Secretaria Estadual de Agricultura, permitem alcançar alta produtividade nas lavouras. No caso do milho, as pesquisas garantiram colheita de até 10 mil quilos a cada 10 mil m<sup>2</sup> de terreno cultivado. A média no Estado, para o milho, é de três mil quilos a cada 10 mil m<sup>2</sup>.

Se tivessem acesso às pesquisas dos agrônomos, os índios poderiam, no mínimo, melhorar os resultados das colheitas, que hoje servem apenas para o consumo parcial das famílias da aldeia. A adequada correção do solo antes do plantio e sementes selecionadas já bastariam para a melhoria das lavouras. "Não temos recursos para a compra de sementes de qualidade", afirma o cacique João Fernandes Soares.

## Escola garante ensino bilíngue

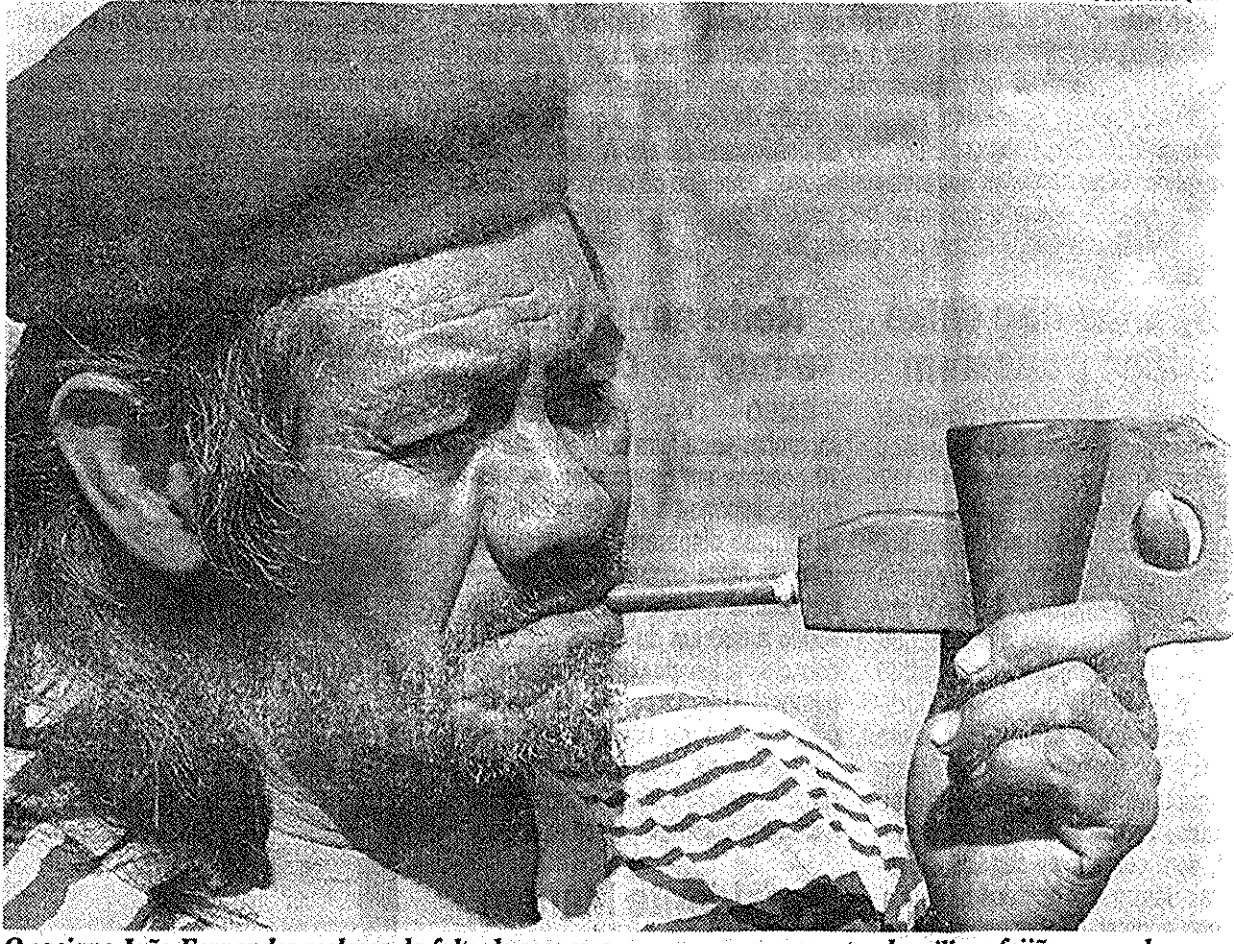


Karaf leciona em escola estadual

No centro da aldeia Morro da Saudade funciona a primeira escola indígena bilíngue do país. As crianças são alfabetizadas em português e em guarani e podem fazer todo o ciclo inicial (equivalente ao 1º grau) até os 15 anos de idade. Por trás da criação da escola, está um defensor dos índios, o professor Karaf Mirin, ele próprio um guarani, que fez faculdade de História e hoje leciona também em escola estadual na Zona Sul.

"Ensinamos às crianças guaranis que o ser humano vive uma eterna aprendizagem no mundo. Precisamos adquirir conhecimentos para alcançar a sabedoria", diz ele. Mas o avanço da urbanização ao redor da aldeia e a presença da televisão (muitas casas já tem aparelhos de TV), já trazem o risco de quebra das tradições.

Karaf Mirin nasceu em Peruibe (SP) e, mais tarde, foi levado à casa de parentes, já aculturados, no Rio de Janeiro. "Não perdi minhas raízes porque meu avô se encarregou de me dar formação cultural", lembra. Na escola estadual, ele afirma "mostrar os valores indígenas, que são tratados com desrespeito pela maior parte da sociedade". Conta que a receptividade dos alunos é muito boa.



Fotos: Nilton Queiroz

O cacique João Fernandes reclama da falta de recursos para comprar sementes de milho e feijão para a lavoura

## Índio corta palmito na mata

É dura a vida de um índio palmiteiro. Ele caminha quilômetros em trilhas da Serra do Mar (se não tiver a sorte, rara, de pegar uma carona), até chegar a Itanhaém ou Mongaguá, onde ainda consegue encontrar palmito. Depois de um dia cheio de trabalho, ele corre o risco de perder tudo o que cortou. Segundo os guaranis da aldeia Morro da Saudade, os guardas florestais e da Fepasa na região costumam apreender toda a carga que flagram nas mãos dos palmiteiros. Apesar dos problemas, aproximadamente um terço dos guaranis saem todas as semanas em busca do palmito.

Segundo Karaf Mirin, comerciantes

de Santo Amaro incumbem os índios de fazer o corte de palmito. Pagam R\$ 4,00 por um palmito grosso; R\$ 3,00 por um médio e R\$ 2,00 por um pequeno. Como recebe por unidade, o índio trata de carregar o máximo que suas forças aguentarem. De volta à aldeia, o guarani corta o miolo da palmeira e entrega o produto pronto. Em média, o miolo de palmito é suficiente para encher até três vidros desses encontrados nos supermercados.

"O parente recebe apenas 10% do preço do produto nos supermercados", diz Karaf Mirin, que tem o costume de chamar os guaranis por parentes. Além de correr riscos e receber uma remunera-

ção reduzida, o índio também fica exposto às críticas dos ambientalistas. "Somos chamados de depredadores da natureza, mas quem colocou o índio nessas condições foi o próprio homem branco. Somos hoje apenas uma consequência de todas as depredações feitas ao longo dos séculos".

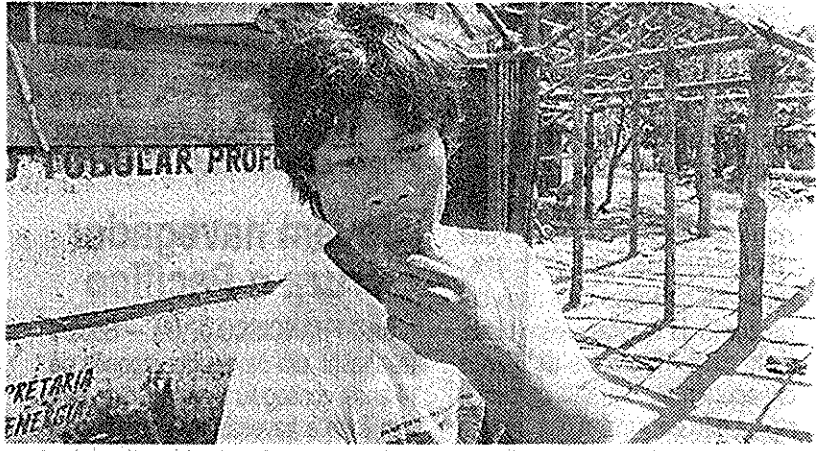
Por estranho que pareça, o palmito com mel é a comida tradicional oferecida aos pajés do povo guarani. Na aldeia Morro da Saudade, o pajé não come a iguaria há muito tempo. E até desaconselha o trabalho dos cortadores de palmito. "Esse trabalho não compensa — é muito risco para muito pouco dinheiro", diz.

## Artesanato é fonte de renda

A confecção de artesanato é outra fonte de renda para os guaranis. Homens, mulheres e crianças trançam em tiras finas o bambu e o cipó colhidos nas proximidades de Parelheiros. Mas difícil mesmo é fazer um machado de pedra. Para isso, é preciso coletar pedras lisas, os seixos, encontrados apenas nos leitos dos rios Capivari e Moço, nas encostas da Serra do Mar.

"Encho uma sacola de pedras e trago nas costas", diz Kidino Fernandes, de 25 anos, neto do cacique dos guaranis. Na última viagem em busca de seixos, Kidino perdeu nas águas de um rio a carteira de identidade recém-tirada. Para alimentar a mulher e uma filha, ele se divide entre o artesanato e a plantação das roças comunitárias.

Durante os fins de semana, a aldeia guarani recebe visitantes de fo-



Kidino vai apanhar pedras nos rios da Serra do Mar para fazer machado

ra, que acabam comprando, como lembrança, as peças de chocalho, arco-e-flecha, colares e cestas. Um arco-e-flecha grande é vendido por R\$ 10,00 e o menor a R\$ 5,00.

Para Florinda Popagua, de 25 anos e

mãe de três filhos, o artesanato é uma habilidade passada de mãe para filhos. Ela aprendeu com a mãe e agora trata de ensinar a filha mais velha, de nove anos, a confeccionar leques e chocalhos. "Consigno tirar uns R\$ 50,00, por mês", diz ela.